

IMAGEM DE FASCÍNIO E ASSOMBRO: Diadorim trans em Grande Sertão: Veredas, ou a dialética do paradigma trans em Diadorim

Leandro de Bessa Oliveira¹

O presente trabalho empreende uma leitura estética do ponto de tensão entre imagem de fascínio e assombro via Diadorim, personagem *leitmotive* de *Grande sertão: veredas*, romance de João Guimarães Rosa publicado em 1956. A investigação parte da leitura, e da releitura como postura metodológica (ROWLAND, 2011), do trecho da travessia do rio São Francisco. Considerada uma cena iniciática ou, nas palavras de Wille_Bolle (2005), uma “arquiena”, pois é o momento em que Riobaldo, o narrador-protagonista, encontra-se pela primeira vez com Diadorim-Menino: “vi um menino, encostado numa árvore, pitando cigarro” (ROSA, 2016, p. 94). O Menino, aparentemente parado, encostado na árvore, que sorri num instante fugaz, e que captura a atenção de Riobaldo, é a própria aparição de uma *imagem dialética*: “dotada de uma dupla economia [...] crivada em si própria de contradições inultrapassáveis – e por isso mesmo tensas, poderosas, fecundas” (DIDI-HUBERMAN, p. 171). Diadorim-Menino, em sua face andrógena, é a própria encarnação do mistério: vestido de boiadeiro, com imensos olhos verdes, ele é a figura do fascínio que amedronta Riobaldo criança, mas não deixa de ser também o *médium* que o conduz para o confronto da sua própria sexualidade. Esta, por sinal, marcada pelo “regime da diferença sexual” (PRECIADO, 2020). Meio sibila, meio criança sagrada – Eros, o infante sedutor (PLATÃO, 2013) – Diadorim fascina Riobaldo e o conduz para o meio do rio extenso, amedrontável e desconhecido: “[...]o que até hoje, minha vida, avistei, de maior, foi aquele rio. Aquele, daquele dia. (ROSA, 2015, p. 97)”. E assim, meio sereia, meio boto, Diadorim também arrasta Riobaldo para a iminência do perigo, para o embate dos seus extremos existenciais e, sobretudo, para a verdade velada na obra: o fenômeno da transformação.

A noção de *imagem dialética*, desenvolvida por Walter Benjamin no período em que trabalhou sobre o poeta Baudelaire e no livro das passagens parisienses, será o prisma pelo

¹Mestre e doutorando em Comunicação (UnB) sob a orientação de Gustavo de Castro Silva. Professor dos cursos de Comunicação (Publicidade, Jornalismo e Design) da Universidade Católica de Brasília (UCB). E-mail: lbessa.arte@gmail.com.

qual investigaremos o embate entre as faces bela e terrível de Diadorim. De um lado, sua camada mitopoética, na qual reside sua dimensão sublime, mítica e espiritual. Do outro, sua face oculta, em que aloja sua fisionomia assombrosa, advinda da camada oculta de sua sexualidade, do tabu, bem como dos regimes violentos da heteronormatividade, acabando por resultar em sua dimensão abjeta. Para nós, interessa a força dialética dessa *imagem literária*, o encontro dessas duas dimensões, não os polos, mas o seu centro de embate, pois é aí que reside, para nós, o seu mistério, ou o seu ponto de indeterminação. De tal modo, imaginamos essa zona do meio como o lugar de nossa investigação. Em síntese, este trabalho, analisa Diadorim a partir de uma relação imagética, na tensão entre imagem de fascínio e assombro. Buscaremos estabelecer aproximações entre uma dimensão mitopoética com questões sexuais ainda consideradas tabus.

A camada mitopoética de Diadorim encarna sua fisionomia heroica: figura guia de Riobaldo em que reside sua face guerreira, de “bravo jagunço” e sobrenome fidalgo. Filha do nobre chefe guerreiro Joca Ramiro, característica que também marca sua dimensão dourada e de luz, visto que no codinome *Rei-naldo* e no batistério *Deo-dorina* encontram-se criptografados os signos da realeza divina. Diadorim ora aparece como Joana D’Arc reencarnada ou como a figura mítica Palas Atenas – filha de pai sem direito de mãe, guerreira de olhos verdes; ora aparece como Nossa Senhora da Abadia, ora como mulher pássaro, reforçando assim a camada mística de sua matéria imaginada, forjada mediante elementos mitológicos, numa articulação dos imaginários clássico, cavalheiresco e paleocristão.

No entanto, em Diadorim, é possível vislumbrar os assombros da condição humana. Camada “lusfús” duma máscara porosa e áspera: “– Mulher é gente tão infeliz...” (ROSA, 2015, p. 149). Marcada, evidentemente, por sua posição sexual no romance, Diadorim é a metáfora do *Outro*, como objeto da exclusão, do abandono, e assinalado pelo estigma da diferença. O sexo de Diadorim é o problema em que alojada está sua face abjeta, tão relevante quanto sua face mitopoética. Doravante, problematizamos a personagem dentro de um paradigma transfeminista (JESUS *et al*, 2015), mediante sua participação no romance como mulher com signos masculinos (sejam eles marcados pelo transvestimento, pela transfisionomia masculina, pela transgêstualidade ou mesmo pela criança trans que aparece na arquicena analisada). Por fim, levantamos a seguinte questão: Se olharmos para Diadorim na ordem de um paradigma trans, para onde tal interpretação nos levaria? E de que maneira outros paradigmas e outras epistemologias podem instaurar diferentes leituras para a questão

sexo/gênero em *Grande sertão: veredas*? Acreditamos, por fim, que tal questão da sexualidade, se olhada separadamente daquela da dimensão poética, mítica e espiritual, perde por deixar de lado não só a noção ampliada do paradigma *trans* como também, e sobretudo, uma noção de *transcendência*.

Palavras-chave: Diadorim; *Grande sertão: veredas*; imagem dialética; transfeminismo; transcendência.

Referências:

BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BOLLE, Willi. *Grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2004.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Falenas: Ensaio sobre a aparição*, trad. A. Preto, V. Brito, et. al., KKYM, Lisboa, 2015.

JESUS, Jaqueline Gomes et al. *Transfeminismo: Teorias e práticas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

PLATÃO. *O Banquete*. Porto Alegre: L&PM, 2013.

PRECIADO, Paul B. Je suis un monstre qui vous parle: Rapport pour une académie de psychanalystes. Paris: Bernard Grasset, 2020.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

ROWLAND, Clara. *A Forma do Meio: livro e narração na obra de João Guimarães Rosa*. Campinas, SP, Unicamp; Edusp, 2011.